

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GÓIAS
CÂMPUS PIRES DO RIO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

AUTISMO: Um Estudo de Caso Sobre a Relação Família/Escola

JULIANA DA SILVA MARTINS

PIRES DO RIO
NOVEMBRO/2017

JULIANA DA SILVA MARTINS

AUTISMO: Um Estudo de Caso Sobre Relação Família/Escola

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Pires do Rio, como um dos pré-requisitos para obtenção de grau de Licenciada em Pedagogia sob orientação da Prof.^a M.^a Juliana Maria Corallo Quinan.

PIRES DO RIO
NOVEMBRO/2017



LICENCIATURA EM PEDAGOGIA
ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos 23 dias do mês de novembro do ano de dois mil e dezessete, às 21:30 horas, realizou-se na Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Piras do Rio – GO, a sessão pública de Defesa do Trabalho: Autismo: Um Estudo de Caso Sobre a Relação Família/Escola

_____, apresentada pelo(a) aluno(a) Juliana da Silva Martins como exigência parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

A Banca Examinadora foi constituída pelos seguintes professores: Rosalina Aparecida Borges, Tatiana Guimarães Sampaio, Juliana Maria Lrallo Azevêdo

_____. Aberta a apresentação pelo(a) orientador(a), feita a exposição da pesquisa pelo(a) aluno(a), a Banca Examinadora passou a arguição pública. Encerrados os trabalhos da arguição, os examinadores deram o parecer final sobre o Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia).

Parecer: aprovada (aprovado(a) / reprovado(a)) pela Banca Examinadora.

Nota: 2,8

Banca examinadora:

Professores (as) convidados (as):

1 Rosalina Aparecida Borges.....

Assinatura Rosalina Aparecida Borges.....

2 Tatiana Guimarães Sampaio.....

Assinatura Tatiana Guimarães Sampaio.....

Professor(a) Orientador(a): Juliana Maria Lrallo Azevêdo

Assinatura Juliana Maria Lrallo Azevêdo.....

Acadêmico(a): Juliana da Silva Martins.....

Assinatura Juliana da Silva Martins.....

Este trabalho é dedicado à meu pai Salú José Martins e a minha mãe Paulina Rodrigues da Silva Martins, que apesar de todos os percalços estiveram sempre ao meu lado, me apoiando e incentivando a seguir em frente com a certeza de que eu serei sempre capaz de superar todos os desafios na estrada da vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela oportunidade de viver, por estar sempre ao meu lado em minhas preces, me enviando boas vibrações e me dando forças para seguir sempre em frente.

Agradeço a minha família, pais e irmão, por estarem sempre ao meu lado me apoiando a seguir no caminho do bem.

Agradeço a Escola Espírita Jeronymo Candinho, lugar em que fui acolhida e que acreditaram em mim como profissional e onde tenho a cada dia uma nova oportunidade de me tornar uma pessoa melhor para meus alunos.

Agradeço a minha orientadora, Juliana Maria Corallo Quinam, que em todos os momentos fez o seu papel de professora dedicada se esforçando para que eu não me desviasse dos meus objetivos e chegasse até aqui concluindo mais uma etapa tão importante. Faltam-me palavras para descrever tamanha gratidão.

Agradeço as minhas amigas e parceiras de curso, Delciane, Máisa e Gabriela por todo o apoio, amor e companheirismo durante os quatro anos de curso. Salve nosso quarteto.

Agradeço de uma forma geral a todas as pessoas que durante esses quatro anos cruzaram meu caminho e de alguma forma contribuíram para meu crescimento. Muito Obrigada!

RESUMO

O assunto autismo apesar de não ser tão atual, ainda é pouco abordado tendo assim pouco conhecimento sobre. O autismo é uma deficiência que afeta não só o físico, mas também o mental causando um bloqueio afetivo, dificuldade de socialização, dificuldade no domínio das linguagens (oral e corporal), comportamento repetitivo. Essas particularidades podem variar de grau para grau. Há uma busca dos profissionais da saúde por um diagnóstico mais seguro e o quanto antes, para que o autista possa ter uma qualidade de vida garantida. Ao falar em deficiência e escola aborda-se também a inclusão, atualmente muito divulgada e exigida em toda sociedade, porém pouco executada e em casos somente um enfeite no documento de instituições. A inclusão feita de forma correta é a oportunidade dada ao autista, assunto deste trabalho, para estudar, trabalhar, viver em sociedade mesmo com suas limitações. Por isso vê-se a importância do estudo das deficiências, do atendimento adequado. O autista é um ser cultural. Ao encontrá-lo no âmbito escolar também se encontra a necessidade de compreensão da família e um trabalho onde escola/família caminhem juntas para melhor atender esse aluno, para que seus direitos sejam garantidos. Este trabalho visa compreender como é a vida de um portador do espectro autista, seu comportamento e o seu valor perante o meio em que vive. Visa também o esclarecimento, para que pais e professores consigam entender a importância que um trabalho bem realizado tem na vida do autista. Esse público está se tornando cada vez maior nas escolas, o professor necessita de maior auxílio no exercício da sua profissão.

Palavras-chaves: Autismo. Desenvolvimento. Deficiência. Cultura. Família. Escola.

ABSTRACT

The subject autism despite not being so current, is still little tackled having so little knowledge about. Autism is a deficiency that affects not only the physical but also the mental causing an affective blockade, difficulty of socialization, difficulty in the domain of the languages (oral and corporal), repetitive behavior. These particularities may vary from degree to degree. There is a search for health professionals for a safer diagnosis and as soon as possible, so that the autistic person can have a more assured quality of life. When speaking about disability and school, it is also addressed the inclusion, currently much publicized and required throughout society, but little implemented and in cases only an embellishment in the institutions document. The correct inclusion is the opportunity given to the autistic, subject of this work, to study, to work, to live in society even with its limitations. This is why it is important to study the deficiencies and the adequate care. The autistic is a cultural being. Finding him in the school environment also finds the need to understand the family and a work where school / family walk together to better serve this student, so that their rights are guaranteed. This work aims to understand how the life of an autistic spectrum carrier, its behavior and its value in the environment in which it lives. It also seeks clarification so that parents and teachers can understand the importance of a well-done job in the life of the autistic. This public is becoming more and more in schools, the teacher needs more help in the exercise of his profession.

Key-words: Autism. Development. Deficiency. Culture. Family. School

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 HISTÓRICO DO AUTISMO.....	10
1.1 Primeiros Estudos e Características do Autismo	10
1.2 Diagnóstico.....	14
2 DIFICULDADES E AUXÍLIO NA APRENDIZAGEM DO AUTISTA.....	18
2.1 Inclusão.....	18
2.2 autismo na Escola e Auxílio da Família.....	21
3 RELATO DE OBSERVAÇÃO NA ESCOLA MUNICIPAL GERALDO REZENDE MENDONÇA “LADICO”	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS.....	37

INTRODUÇÃO

O trabalho apresentado tem como objetivo evidenciar a importância do trabalho da escola associado ao trabalho familiar no desenvolvimento do portador do espectro autista reconhecendo-o como ser cultural e parte da sociedade.

O autista é visto como alguém que vive em um mundo a parte, contendo suas particularidades como não manter contato visual, não gostar de ser tocado, se incomodar com barulho sendo capaz de tornar agressivo. Esses aspectos se tornam ainda mais particulares dependendo do grau, podendo ser mais evidentes ou até insistente.

A escolha do tema se deu através do contato com algumas reportagens, novelas e alguns artigos através dos meios de comunicação, que retrataram pessoas com transtorno do autismo. Foi a partir dessas experiências que me atentei com a sensibilidade desses seres, a comoção da família que busca a melhor forma de cuidar, pois eles acabam sendo muito frágeis e também como futura profissional na área da educação uma forma de me ater ao assunto buscando mais conhecimento e condição de auxílio nas instituições escolares.

Como metodologia foi utilizada a pesquisa bibliográfica através de autores como Fragas (2010), Kwee (2006), Orrú (2009), Varella (2010), dentre outros.

A pesquisa bibliográfica, ou fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc., até meios de comunicação orais: como rádio, gravações em fita magnética e audiovisuais: filmes e televisão. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo que já foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferência seguida de debates que tenha sido transcritos por alguma forma, quer publicadas quer gravadas. (MARCONI, LAKATOS, 1986, p.71)

No primeiro capítulo foram apresentados os primeiros estudos e características do autismo juntamente com o diagnóstico, sendo assim feito um breve histórico do autismo.

Apresenta-se no segundo capítulo a inclusão do aluno autista, como ele é recebido na escola, o que deve ser considerado nessa inserção no âmbito escolar, focando na parceria entre escola e família.

No terceiro capítulo, foi realizado um estudo de caso onde foi analisada a visão da família e da escola sobre um aluno autista e também a realidade do convívio e parceria da escola com a família.

O estudo dessas causas é uma longa estrada a ser percorrida e a cada nova descoberta faz com que os sonhos e os ideais de cada educador cresçam mais e mais.

1 HISTÓRICO DO AUTISMO

Mesmo nos dias atuais, ouve-se falar pouco sobre o autismo tendo informações restritas e vagas, assim dificultando o entendimento de várias pessoas que tem que lidar com portador(es) desse espectro¹.

Este capítulo busca explicitar o histórico do autismo, destacando suas características e suas formas de diagnóstico. Trazendo para a sociedade uma nova forma de enxergar o autista e compreender como se dá esse espectro.

O autismo afeta o cognitivo e intelectual, é como se houvesse uma desordem na mente e no corpo físico, por isso a dificuldade de interação social na linguagem e comportamentos repetitivos.

1.1 Primeiros Estudos e Características do Autismo

Os estudos realizados sobre o espectro do autismo vem acontecendo desde 1911, quando se foi usado esse termo pela primeira vez, porém foi confundido com um sintoma causador da esquizofrenia. Já em 1943 Kanner publicou uma investigação realizada com 11 crianças com um quadro de “autismo extremo, obsessividade, estereotípias e ecolalia”. Orrú (2009) comenta o seguinte:

As características apresentadas por esse grupo de crianças eram: incapacidade para estabelecer relações com as pessoas, um vasto conjunto de atrasos e alterações na aquisição e uso da linguagem e uma obsessão em manter o ambiente intacto, acompanhada da tendência a repetir uma sequência limitada de atividades ritualizadas. O alheamento em que viviam era extremo, desde os primeiros anos de vida, como se não estivessem no mundo, sem responder a nenhum estímulo externo, mantendo-se em um isolamento rígido e peculiar. Apresentavam, porém, aparência agradável e inteligente, além de possuírem habilidades especiais e uma memória excepcional. (p. 18)

Os estudos de Kanner (1943) não se findaram por aí, havia uma discordância de que o autismo poderia ser associado a esquizofrenia, um de seus

¹ O termo “espectro” reflete a ampla variação nos desafios e pontos fortes possuídos por cada pessoa com autismo.

sintomas. Mais estudos foram realizados e a partir daí muitos outros pesquisadores passaram a investigar esse espectro e suas causas.

Pode-se assim, observar que o autismo não é um assunto tão recente, porém há uma grande problematização no seu conceito. Havia alguns sintomas que guiavam para o autismo e outros que levavam a crer que não se tratava exatamente desse espectro.

Apesar de ser um assunto de suma importância, não é um tema muito abordado devido à complexidade de seus diagnósticos, por existirem outras síndromes com características semelhantes como a Síndrome de Asperger (Hans Asperger foi o médico que a descreveu), Fernandes apud Kwee (2006) “Colocam ainda o autismo como “objeto de controvérsias e frequentes alterações na sua descrição e categorização.”(p.8)

Em 1995, Szabo diz em sua obra que o autismo é “A síndrome sem respostas”. Comparou-se o autista a uma redoma, permanecendo sempre em seu mundo, vivendo assim, com mais facilidade e impossibilitando a aproximação de outras pessoas. Porém, cada autista possui particularidades que devem ser observadas. Elas podem até mesmo ajudar a distinguir o grau de autismo que se encontra o indivíduo.

Szabo (1995) nos leva compreender:

O autista não é cego, surdo ou mudo, nem ao menos apresenta algum distúrbio cerebral; e, no entanto, comporta-se como se fosse deficiente em todas as áreas. O grande problema dessa criança é sua percepção caótica do mundo exterior. Pessoas autistas tem um tempo de vida normal, com alguns sintomas que podem mudar ou mesmo desaparecer com o tempo.[...] O autista pode ser comparado ao portador de deficiência mental. O desenvolvimento do indivíduo é atrasado em todas as dimensões: fala, coordenação-motora, raciocínio, postura emotiva e psicológica. Nesta síndrome o desenvolvimento dessas dimensões são irregulares. Autismo é um distúrbio permanente e severo no desenvolvimento do indivíduo, tornando-o incapacitado. (p. 16)

Como foi citado por Szabo (1995), o autismo tem seu desenvolvimento irregular, porém há suas particularidades que são denominadas por Gillberg (2005) como variantes:

Atualmente, há pelo menos 4 variantes clínicas do autismo. Frequentemente estas variantes são descritas a partir da tríade de deficiências nas áreas social, de comunicação e de comportamento, mas está ficando cada vez mais difícil saber se todas as deficiências que compõem a tríade realmente aparecem em conjunto em todos os casos. Há casos de problemas de comunicação social sem os problemas comportamentais, e há casos de problemas comportamentais sem os problemas de comunicação social, e estão crescendo as dificuldades em saber onde estão os limites do chamado “autismo”. (apud Kwee, 2006, p. 23 e 24)

Orrú (2009) explica que apesar dessas características, muitas das vezes, bem destacadas:

Certas crianças com autismo desenvolvem-se normalmente, durante sua primeira infância, chegando, até mesmo, a adquirir uma linguagem funcional. Todavia, esta vai se perdendo progressivamente ou tronando-se suscetível de consequências sérias por causa da tal condição; assim, muitas delas acabam em um intenso isolamento social, envolvidas em seus rituais e estereótipos e, praticamente, sem nenhuma comunicação externa.

Em um estudo realizado por Mesibov (1997) e Peeters (1998), são destacadas características que viabilizam uma melhor compreensão do comportamento autista.

PENSAMENTO	PADRÕES BIO-COMPORTAMENTAIS
<p>1. Falta do conceito de sentido. [...] Não estabelece relações entre ideais e eventos. [...] 2. Foco excessivo em detalhes, com habilidade limitada em priorizar a relevância destes detalhes. [...] 3. Distractibilidade. [...] Ou o aluno vê algo além da porta e fica tão distraído que para de trabalhar para ver mais de perto. [...] 4. Pensamento concreto. [...] No autismo cada palavra significa apenas uma coisa [...] 5. Dificuldade de Combinar ou Integrar Ideias. [...] É mais fácil para pessoas com autismo entender fatos ou conceitos isolados do que combinar conceitos [...] 6. Dificuldades de Organizar e Sequenciar. [...] Estão relacionadas com a dificuldade geral em integrar múltiplas informações. [...] 7. Dificuldade de Generalizar. Pessoas com autismo com frequência aprendem habilidades ou comportamentos em uma situação, mas têm grande dificuldades em transferi-las para uma outra situação.</p>	<p>1. Forte Impulsividade. Pessoas com autismo são frequentemente muito persistentes em buscar coisas que eles desejam [...] 2. Ansiedade Excessiva. Muitas pessoas com autismo tendem a apresentar altos níveis de ansiedade; eles estão frequentemente frustrados ou por um fio de ficarem frustrados. [...] 3. Anormalidades Sensório-perceptuais. Os sistemas de processamento sensorial são alterados nas pessoas com autismo.</p>

(apud KWEE, 2006, p. 18 a 23)

Fraga (2010) ainda cita as variações de autismo:

1) Síndrome de Asperger. Descrita pela primeira vez pelo pediatra austríaco Hans Asperger (1906-1980), é considerada uma forma de autismo mais branda. Seus portadores apresentam os três sintomas básicos (dificuldade de interação social, de comunicação e comportamentos repetitivos), mas suas capacidades cognitivas e de linguagem são relativamente preservadas. Na verdade, alguns até mesmo apresentam níveis de QI acima da média, motivo pelo qual a criança portadora da síndrome de Asperger é comumente representada como um pequeno gênio que descobre códigos e resolve enigmas. Os portadores dessa síndrome representam cerca de 20% a 30% dos pacientes de desordens do espectro autista.

2) Autismo “clássico”. É o tipo descrito pelo médico austríaco radicado no primeiro nos Estados Unidos Leo Kanner (1894-1981). Kanner foi o primeiro a utilizar a nomenclatura “autismo infantil precoce”, em um relatório de 1943, no qual descrevia 11 crianças com comportamentos muito semelhantes. O médico utilizou expressões como ‘solidão autística’ e ‘insistência na mesmice, que hoje são sintomas ainda tipicamente encontrados em pessoas autistas. Os portadores desse ‘autismo clássico’ têm comprometimento das capacidades cognitivas que varia de moderado a grave, além da dificuldade de interação social e comunicação e do comportamento repetitivo.

3) Autistas do tipo regressivo. Essa variação no espectro de desordens autistas inclui aqueles que se desenvolvem normalmente até aproximadamente 1 ano e meio, e em seguida, até os 3 anos, sofrem regressão da linguagem e do comportamento, tornando-se autistas. (p. 22)

Ao serem observados todos esses aspectos a respeito do autismo, compreende-se melhor o quão amplo é esse espectro. E Kwee (2006) nos leva a compreender também que o autismo interfere na cultura de seu portador.

O Autismo, obviamente não é uma cultura; é um transtorno de desenvolvimento causado por uma disfunção neurológica. Entretanto, o Autismo também afeta a maneira como as pessoas com Autismo se alimentam, se vestem, usam seu tempo de lazer, entendem seu mundo e se comunicam. Conseqüentemente, de alguma forma, o Autismo funciona como uma cultura, sob a perspectiva de que produz padrões de comportamento característicos e previsíveis nas pessoas sob esta condição. (p. 25 e 26)

José Salomão Schwartzman, neuropediatra, em uma entrevista ao Dr.º Dráuzio Varella, caracteriza o Autismo:

Na verdade, o que se chama de autismo nada mais é do que um tipo de comportamento que se caracteriza por três aspectos fundamentais. Primeiro: são crianças que parecem não tomar consciência da presença do outro como pessoa. Segundo: apresentam muita dificuldade de comunicação. Não que não falem, não conseguem estabelecer um canal de comunicação eficiente. Terceiro: tem um padrão de comportamento muito restrito e repetitivo. Atualmente, qualquer indivíduo que apresente esses sintomas, em menor ou maior grau, é caracterizado como autista. (in doc. eletrônico)

Cultura interferida e características variáveis de caso para caso. Pode-se concluir com este primeiro estudo o quão complexo é o espectro do autismo.

1.2 Diagnóstico(s)

Ao tratar-se de diagnóstico, a princípio, é necessário basear-se na observação do comportamento da criança, segundo Vadaz apud Fraga (2010) “A observação é a base para que se aponte uma criança tem ou não autismo. ‘observamos as três áreas mais afetadas pelas desordens autistas: a comunicação e a linguagem, a socialização; e os comportamentos repetitivos e interesses circunscritos.’ (p.22).

O diagnóstico é como uma investigação citada por Orrú (2009):

Para o diagnóstico de autismo, pode ser utilizado um vasto protocolo de investigação, a partir da realização de exames para pesquisa de possíveis condições específicas, geneticamente determinadas ou não, de realização de pelo menos um dos exames de neuroimagem propostos, e fazendo uso do agrupamento de alguns critérios do DSM-IV (APA, 1995) e da CID-10 (OMS, 1993), além de anamnese detalhada, exame físico, dando atenção aos sinais comumente associados a cromossopatias e a outras afecções de etiologia genética, avaliação neuropsicológica, análise bioquímica para erros do metabolismo, exames de cariótipo, eletroencefalograma, ressonância magnética de crânio, SPECT, além de outros possíveis exames complementares. (p.26)

Tratando-se ainda dessa investigação, ressaltando que o diagnóstico raramente é realizado antes dos 2 (dois) anos de idade, pois a criança apresenta características e aparência de um bebê normal, Szalo (1995) reafirma que “portanto, torna-se necessário e fundamental a coleta extremamente cuidadosa da história da criança, a qual acrescida das observações feitas, levem a um diagnóstico realmente seguro.” (p.21).

José Salomão salienta melhor sobre o diagnóstico, comparando o autista a uma criança dita normal:

Existem filmes provando que uma criança normal com cinco horas de vida já é capaz de imitar uma expressão fisionômica. Se estiver bem alimentada e num ambiente tranquilo e mostrarmos a língua, ela nos mostrará a língua também. A criança autista nunca faria isso. Perceber essa diferença, porém, depende muito dos olhos de quem está observando. Hoje, se fala muito sobre diagnóstico precoce de autismo. Ami Klin, psiquiatra e neurocientista brasileiro que estuda muito o problema e dirige o centro de pesquisa sobre autismo da Universidade de Yale, defende o diagnóstico em bebês. É óbvio que é impossível fechar o diagnóstico de autismo numa criança de seis, oito meses. Não se fecha, mas levanta-se a suspeita, o que permite adotar uma conduta terapêutica até certo ponto corretiva. (in doc. eletrônico)

Existem vários autores que abordam sobre esse diagnóstico e discordam entre si, pois cada um busca defender sua tese, mas há uma concordância geral que:

O fenótipo do autismo, como descrevemos anteriormente, é bastante variado, mas todos os autores concordam que suas perturbações ocorrem antes dos 3 anos e persistem até a vida adulta. Cerca de 75% dos casos apresentam deficiência mental e 30% apresentam convulsões. (CARVALHEIRA,G; VERGANI,N; BRUNONI,D apud KWEE, 2006)

A complexidade desse diagnóstico possui uma atenuante muito grande, a não descoberta da causa ou causas do autismo.

Foram realizadas inúmeras pesquisas, porém todas sem sucesso, sem um resultado agradável. Szabo (1995) nos exemplifica:

Uma das primeiras teorias postulava que o autismo era resultado de um retraimento psicológico, o que a criança percebia como um ambiente frio, hostil, e castigador. Assim, culpavam-se esses pais “refrigerados”, cujas relações com seus filhos eram frias e distantes. Essa teoria foi inteiramente descartada por rigorosas investigações científicas que demonstraram que os pais de crianças autistas são tão cálidos e afetuosos como quaisquer outros.

Outras propostas foram:

- fatores genéticos;
- dano fetal intra-uterino ou na hora do parto;
- modificação no equilíbrio dos neurotransmissores.

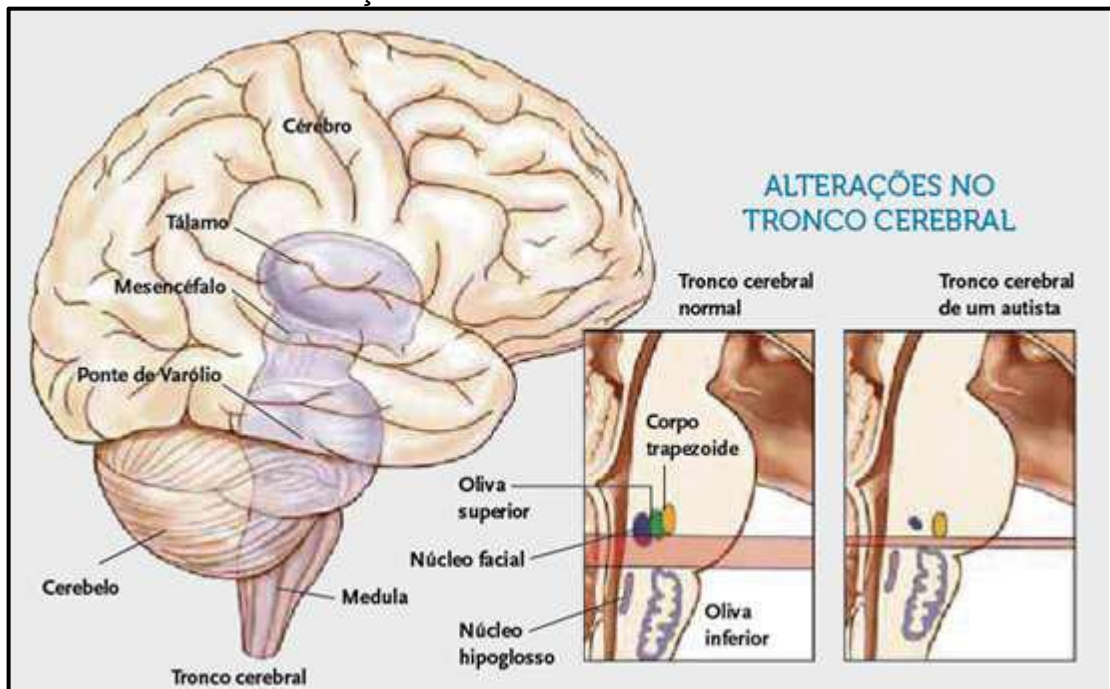
Nenhuma dessas teorias explica o autismo. Na melhor das hipóteses, elas contêm a chave que, algum dia, poderão responder a pergunta de como se origina o autismo.

Não há nenhum tipo de comprovação de nenhuma causa do autismo como: rejeição na gravidez, isolamento e solidão, desequilíbrio bioquímico, genética, porém o autismo atinge 0,2% da população mundial.

Existe uma variação no grau, nas formas de diagnósticos de autismo e uma dificuldade gigante na busca da(s) causa(s), porém a pessoa portadora dessa síndrome é um indivíduo da sociedade que tem o direito de viver, Kassar (1999):

Não é apenas “influenciado” ou diretamente “controlado” em uma relação causa-efeito pelo contexto social. A sociedade não é um mero “contesto” no qual o homem irá se desenvolver. É constitutiva do homem, pois as “condições sociais” estão no origem da sua consciência. Ao participar do processo de Constituição (tanto social quanto o de sua particularidade) o homem se constitui. O homem traz em sua especialidade, em sua individualidade, aspectos da própria sociedade.(apud ORRÚ, 2009. p.51 e 52)

Alterações no tronco cerebral do autista.



Fonte: Disponível em: <http://www2.uol.com.br/vivermente/noticias/cerebro_de_autistas_e_maior_e_tem_mais_neuronios>. Acesso em: 13/03/2017.

Com todo esse embasamento e estudo é possível enxergar o quão árduo é o trabalho de compreender esse espectro. Pode-se observar na imagem que ilustra muito do que aqui foi dito, mostrando a diferença de um cérebro normal e o de um autista. Onde o do autista é mais pesado e possui mais neurônios. Isso mostra o grande avanço dos médicos e cientistas, podendo chegar cada vez mais perto da descoberta das causas reais desse espectro.

Com esses avanços na questão médica, serão possíveis avanços também na área escolar, familiar, cultural realizando assim a inclusão do autista no meio em que vive com direitos como todos.

Sendo assim, no segundo capítulo serão vistas questões de aprendizagem, inclusão e a importância do auxílio da família nas questões escolares do aluno autista.

2 DIFICULDADES E AUXÍLIO NA APRENDIZAGEM DO AUTISTA

Neste capítulo será primeiramente abordada a inclusão do autista, toda dificuldade que existe em relação a preparação da escola e dos pais também. Esse assunto vem crescendo ao longo do tempo e percebe-se, assim, a pouca instrução de quem busca realizar isso nas escolas. Compreendemos que infelizmente a luta pela inclusão do autista nas escolas, sua escolarização e socialização é só mais uma luta dentre as demais que se tem.

Tratará também do autista na escola, há o amparo da lei para que ele seja inserido nesse âmbito, porém será que a escola e os profissionais estão preparados?

São encontradas muitas dificuldades, mas se percebe que com trabalho em conjunto (pais, escola e outros profissionais) consegue-se bons resultados e até melhora no quadro do autista.

2.1 Inclusão

Tratar de inclusão não é algo fácil muito menos simples, e tratar da inclusão de um aluno autista também não foge a essa regra. Como já foi abordado no capítulo anterior, o Autismo se encaixa em transtornos globais do desenvolvimento, pois trata-se de um conjunto de questões psicológicas e físicas.

Na maioria dos casos compreende-se inclusão por questões muito mais físicas do que de preparação de profissionais como professores, coordenadores e até mesmo diretores para atenderem as necessidades desses alunos. As autoras Brande e Zanfelice (2012) p. 2 salientam:

Receber esses alunos com deficiência, mais especificamente, com transtornos globais do desenvolvimento, é um desafio que as escolas enfrentam diariamente, pois pressupõe utilizar de adequações ambientais, curriculares e metodológicas. Esse aspecto já é apontado pela Política Nacional de educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL/MEC 2008) ao propor que a educação especial atue de forma articulada com o ensino comum, procurando atender as necessidades educacionais especiais de alunos com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades/superdotação. (in doc. eletrônico)

Pode-se enfim compreender que o trabalho de inclusão deve acontecer em conjunto.

É importante conhecer o aluno, sua cultura, suas necessidades e assim procurar a melhor forma de atendê-lo. A escola precisa buscar subsídios no planejamento, na interação com os pais e com outros profissionais que atuam fora da escola, como reforça Mizukami (2002) apud Brande e Zanfeline (2012) p. 2:

[...] uma ferramenta de aprendizagem e de desenvolvimento profissional da docência que possibilita trabalho colaborativo são as experiências de ensino e aprendizagem, entendidas como situações nas quais os professores, reunidos com seus pares, partilha experiências, visões, interpretações, conhecimentos, analisam problemas e propõem soluções. (in doc. eletrônico)

Deve ser levado em conta que um aluno, autista, nesse caso, que participa desse processo de inclusão necessita sim, de um atendimento diferenciado, porém como Gomes, Mendes (2010) apud Brande e Zanfeline (2012) p. 3 citam:

[...] as interações educacionais são fundamentais no tratamento do autismo e os ambientes escolares que são genuinamente espaços de intervenção educacional, tornam-se um importante meio para favorecer o desenvolvimento de crianças. (in doc. eletrônico)

Trata-se também, das questões de convívio com o outro que a inclusão deve oferecer, não se baseando apenas no que é de interesse individual do autista.

As abordagens comportamentalista e cognitivista, ao centralizarem o déficit na criança em seu organismo, propõem métodos e técnicas de intervenção que podem se restringir ao treino de habilidades e ações não significativas, desconsiderando o ser cultural, limitando o desenvolvimento criativo e singular do sujeito. A abordagem psicanalítica contribui para a reflexão do processo, todavia é marcada pela dimensão terapêutica que visa “tratamento” da criança. (PLETSCH, LIMA, 2014, p.6)

Para o autista existe um bloqueio de significados, ele está no mundo, porém não o compreende, quando há alguma compreensão é distorcida, e o convívio com o outro sem algum direcionamento, sem alguma orientação, acaba limitando-o ainda mais, pois o outro não faz o seu papel de dar significado ao mundo para esse autista. Para isso, é necessária essa inclusão orientada, dirigida para que esse contato com outras pessoas auxilie a significar as coisas que estão ao seu redor, conhecer o mundo de uma forma mais inteira e com sentido.

[...] O contexto de relações no qual se insere a criança com Autismo é marcado pela aparente falta de sentidos ou de sentidos “restritos” para o outro, o que faz com que os atos dessa criança não tenham sentidos, ou seja, restritos para ela mesma. São as interpretações do outro que significam e inserem a criança com Autismo na cultura, construindo suas formas de interação com os outros e com o mundo que favorecem ou não o seu desenvolvimento singular. (PLETSCH, LIMA, 2014, p. 7)

Novamente, retorna-se na importância de se conhecer culturalmente esse aluno, seu meio, suas possibilidades e dificuldades. Pode-se fazer uma relação a nós mesmos, quando interagimos com outra pessoa, cuja cultura nós já somos familiarizados, conseguimos dessa forma um melhor convívio. Mas quando o contrário acontece, há como se fosse um bloqueio, numa conversa por exemplo faltam palavras, não há o que dizer. Não seria diferente com um autista, para que haja realmente a inclusão dele no âmbito escolar, é necessário conhecer sua cultura e sua construção social.

Incluir a criança com autismo vai além de colocá-la em uma escola comum, em uma sala regular; é preciso proporcionar a essa criança aprendizagens significativas, investindo em suas potencialidades, construindo, assim, o sujeito como um ser que aprende, pensa, sente, participa de um grupo social e se desenvolve com ele e a partir dele, com toda sua singularidade. (PLETSCH, LIMA, 2014, p.6)

Investindo na compreensão da cultura desse aluno, pode-se então investir em caminhos que possibilitem uma aprendizagem significativa, afirma Chiote (2013):

Assim como as crianças normais apresentam particularidades em seu desenvolvimento, o mesmo acontece com a criança deficiente que se desenvolve de um modo distinto e peculiar, ou seja, elas necessitam de caminhos alternativos e recursos especiais. A educação especial, por caminhos diferentes, precisa promover experiências que invistam no desenvolvimento cultural da criança, sua participação nos diferentes espaços e atividades cotidianas. (PLETSCH, LIMA, 2014, p.7)

O autista tem uma forma diferente de ver, ele não lê nem enxerga somente com os olhos, ele utiliza todo o seu corpo, sua sensibilidade para isso, devemos desconstruir esse estereótipo de que o autista não conversa, não interage, é um ser dependente que não compreende o que está ao seu redor, pois muitas vezes, ele enxerga além do que nossos olhos podem ver.

Há uma necessidade de mudança no ambiente em que o aluno autista será inserido, ele precisa ser visto como alguém que possui singularidades e isso faz parte da sua cultura, que deve ser observada, estudada e assim criar formas/métodos para que a inclusão seja eficaz e para tudo isso acontecer, a inclusão deve ser pensada dia após dia, enxergando cada um com suas particularidades e com muita persistência e trabalho conjunto.

2.2 Autismo na Escola e Auxílio da Família

Em pesquisa encontra-se dados que indicam que “tem ocorrido desde 2000 um aumento significativo da inserção escolar de alunos com autismo [...]”. Percebe-se que a procura de escolas para essas pessoas está crescendo e então entramos na questão da inclusão, do preparo da escola e professores para receberem estes alunos.

Há um amparo em lei que dá a esse aluno o direito de ingressar no ensino regular, sem até mesmo um laudo médico.

O ingresso de uma criança autista em escola regular é um direito garantido por lei, como aponta o capítulo V da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que trata sobre a Educação Especial. A redação diz que ele deve visar a efetivar integração do estudante à vida em sociedade. Além da LDB, a Constituição Federal, a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, Estatuto da Criança e do Adolescente e o Plano Viver sem Limites (Decreto 7.612/11) também assegurando o acesso à escola regular.(in doc. eletrônico)

Em 2012, foi sancionada a primeira lei que fala diretamente sobre o autista e o considera deficiente, lei nº 12.764/12 – Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista.

Para haver um desenvolvimento mais garantido do autista é necessário que se busque a ajuda da escola, de profissionais qualificados para trabalhar com esse indivíduo. Porém quando se fala de autistas, muitos até por pouco conhecimento não imaginam que possa existir um espaço para eles na escola, até porque os métodos ainda utilizados são muito de leitura e escrita e a maioria dos autistas tem limitações na fala. Surge então a necessidade de, primeiro, conhecer melhor sobre esse assunto e formar profissionais competentes para desenvolver um trabalho com autistas, buscando o auxílio ao seu desenvolvimento.

Algumas atividades inseridas na rotina destas crianças podem auxiliar no seu aprendizado, usando a comunicação alternativa e ampliada com uso de gestos, expressões faciais e corporais, utilizando imagens como: fotografias, desenhos e gravuras, maneiras diferenciadas para estabelecer contato visual e verbal. (PINHEIRO, 2014, p.30)

Existe uma grande dificuldade, como já foi citado anteriormente, sobre a necessidade de um profissional capacitado, mas além disso há também a aceitação da família e da comunidade escolar, porque na verdade o autista não aprenderá tudo como um aluno dito “normal”, ele possui suas limitações mesmo tendo um grau cognitivo mais baixo. Porém ele precisa conquistar sua independência, mesmo que limitada, para tarefas simples do dia a dia como: lavar um prato, pegar um ônibus, participar de uma conversa, como se isso fosse algo que já estava nele, algo inato. Segundo Pinheiro (2104):

[...] a criança autista tem possibilidades de desenvolver várias habilidades, é necessário que se conheça estas maneiras de estimular cada uma, a escola tem um importante papel neste processo, é comum que se confundam a dificuldade cognitiva da criança autista apenas com o transtorno social [...] (p.32)

O trabalho escolar com a criança autista não pode ser acelerado como o feito com os outros alunos. O tempo para ela corre de maneira lenta, por isso deve haver calma e persistências por parte dos profissionais e responsáveis que estão com esse aluno. É necessário que a família não se veja como o outro (o filho autista) mas sim como outro alguém que está ali para auxiliar, ajudar, encaminhar pra o lugar correto, não alguém que vive esse transtorno junto. Essa forma que a família costuma abraçar a causa e vivê-la, pode muitas vezes sobrecarregar a todos, inclusive o próprio autista e assim, em vez de ajudar, os familiares acabam atrapalhando o desenvolvimento do mesmo. Semensato e Bosa (2013) apud Pinheiro (2014) destacam o que foi dito:

A sobrecarga de tarefa (exemplos: cuidados com a criança, responsabilidades com consultas e com a casa), a demora na lista de atendimentos, a despesa com diversos profissionais, o pouco espaço para cuidados pessoais e das suas outras relações e o excesso de responsabilidades concentrando nas mães(Bosa 2002; Schimidt2004)são aspectos frequentemente presentes nos relatos dessas famílias. Além disso, alguns estudos relatam uma correlação entre problemas de comportamento de crianças com transtornos do desenvolvimento e os níveis de estresse, depressão e ansiedade nos pais[...] (p. 31)

Ocorre em muitos casos uma superproteção do autista, onde tudo que ele precisa é feito por um membro da família, quase sempre pelos pais, e isso faz com que ele se torne totalmente dependente de alguém, até mesmo para tarefas consideradas simples. Isto não pode acontecer, pois além de prejudicá-lo em casa, o trabalho na escola se torna também muito difícil, pois aquele autista não tem autonomia para nada.

O mundo exterior é muito complexo para o autista, ele não consegue fazer abstrações, não compreende as várias formas de linguagem que nós temos. Tudo é muito ameaçador e imprevisível como diz Reviére (1995):

O mundo, e especialmente as pessoas, são para ele imprevisíveis e ameaçadores. Não consegue simpatizar com outras pessoas, sendo muito difícil para ele antecipar ou predizer sua conduta. Isto relaciona-se á necessidade compulsiva de manter o ambiente sem mudanças. (apud PINHEIRO, 2014, p.32)

Como se observa o aluno autista tem sim possibilidades de interagir com o mundo e de aprender também. Não é algo simples, porém também não é

impossível, basta que haja a preparação correta dos profissionais da escola e também o auxílio e a disposição dos pais.

Como se vê no decorrer do estudo, a criança autista tem possibilidades de desenvolver várias habilidades, é necessário que se conheça estas maneiras de estimular cada uma, a escola tem um importante papel neste processo [...]. (PINHEIRO, 21014, p.33)

O fato de a criança autista ter suas limitações sociais, isso não a impede de ter relações sociais com outras crianças/pessoas, em um âmbito escolar, muito menos a impede de obter melhorias em seu quadro, trata Filho e Lowenthal (2013):

Conclui-se também que características autísticas, como comunicação, comportamentos estereotipados e falta de socialização não atrapalham na construção das relações sociais. A partir do direito e de experiência que estão acontecendo no Brasil percebe-se em crianças, adolescentes e jovens com TEA² uma melhora em seus quadros clínicos quando elas frequentam classes comuns no ensino regular. (apud PINHEIRO, 2014, p.33)

De acordo com as leis anteriormente citadas, é direito de toda criança fazer parte de um meio social, de conviver e trocar experiências com outras crianças, adquirindo assim, aprendizados que poderão ser levados por toda a sua vida.

Existem escolas que já estão buscando formas para melhor atender esses alunos. Professores qualificados, espaços adequados e diretores que sabem bem dirigir estes locais. Além disso, buscam o apoio da família e de outros profissionais ligados a saúde para que em um trabalho conjunto, atendam e alcancem melhores resultados, incluindo corretamente e verdadeiramente estes alunos.

Mas por outro lado, ainda encontra-se precariedade em todo o nosso país no atendimento a essas pessoas que se encaixam na inclusão. Novamente, relembremos o que já foi dito, que a inclusão é mais vista como adequações ao espaço físico, não no que se refere ao atendimento ao aluno.

Infelizmente o país ainda não está preparado para lidar com a inclusão de forma correta, ainda se vê escolas recebendo alunos sem nenhum preparo profissional que não conhecem a realidade do que se passa na mente desses alunos e nem as suas necessidades físicas, emocionais e cognitivas dos mesmos. (PINHEIRO, 2014, p.34)

² TEA: Transtorno do Espectro Autista

Existe a necessidade do trabalho correto com esses alunos, um atendimento com recursos especialmente pensados para ele, juntamente com a interação com alunos que não possuem a síndrome.

Deve-se entender que é possível, com o auxílio dos pais juntamente com o trabalho da escola, fazer com que o autista obtenha resultados satisfatórios. Conhecendo a cultura de cada aluno e suas necessidades, buscando recursos que se encaixam no atendimento às mesmas, com flexibilidade e estrutura apropriada e ter a convicção de que essa pessoa possui dificuldades e limitações, porém isso não a impede de se desenvolver.

Através da atitude da escola de unir-se com a família, buscando o bem estar da criança autista, poderão ser percebidos grandes avanços relacionados aos aspectos culturais, sociais, cognitivos entre outros. Mas para que isso aconteça com êxito, a escola e a família precisam trabalhar em conjunto em busca do melhor para o aluno.

Seguindo essa visão, no terceiro capítulo será realizada uma observação de um aluno autista e a relação de sua família com a escola onde estuda e as contribuições que ambas fazem para sua vida.

3 RELATO DE OBSERVAÇÃO NA ESCOLA MUNICIPAL GERALDO REZENDE MENDONÇA “LADICO”

Neste último capítulo, será abordado um estudo de caso, onde através de entrevistas, à mãe e professoras de um aluno autista, serão respondidas algumas perguntas sobre o convívio familiar e escolar, assim fazendo uma comparação entre teoria e prática.

Sendo alvo deste estudo, um aluno autista de 13 (treze) anos de idade residente em Santo Antônio da Esperança – Distrito de Santa Cruz de Goiás, estudante da Escola Municipal Geraldo Rezende Mendonça “Ladico” no 5º ano do ensino fundamental.

Nos capítulos anteriores, foram abordadas teorias como diagnóstico e características apresentadas ou não nos primeiros anos de vida. Mariana a mãe do Diel, o aluno autista, relata que “Ele era muito molinho quando nasceu, bem molinho mesmo. Ele não olhava pra gente não, ele tem estrabismo né, aí, mais ele não conseguia olhar.” (informação verbal). Percebe-se que ele não apresentou ser uma criança com características de um bebê normal, porém um fator importante foi o diagnóstico tardio.

Segundo Orrú (2009), o diagnóstico é realizado através de uma observação minuciosa, com o auxílio de diversos exames físicos, de metabolismo, eletrocardiograma, ressonância magnética, dentro outros.

Segundo Pinheiro (2014):

A dificuldade de ter um diagnóstico preciso se dá pela falta de profissionais preparados, e por falta de exames precisos para detectar a síndrome nos primeiros meses de vida. Segundo o AMA ainda não há marcadores biológicos e exames específicos para autismo, mas alguns exames, tais como: cariótipo (com pesquisa de X frágil, EEG, RNM e erros inatos do metabolismo), teste do pezinho, sorologias para sífilis, rubéola e toxoplasmose, audiometria e testes neuropsicológicos são necessários para investigar causas e outras doenças associadas.(p.35)

A criança autista, em estudo, não mora com seus pais biológicos, ele reside com a avó materna, porém Mariana relatou a dificuldade encontrada no diagnóstico “Eu levei ele em muitos médico mais ninguém constato nada, ninguém

num falô nada, ninguém conseguiu.” (informação verbal), o mesmo só foi realizado após sua entrada na escola com 6 (seis) anos, aproximadamente.

Os sintomas mais comuns, apresentados por ele, são os movimentos repetitivos, o olhar fixo em algum objeto, emissão de sons com a boca, rejeição a barulhos intensos. Mariana (2017):

Os sintomas, assim só dele assim num senta, num anda, ai depois quando ele sento que ele ando ele gosta muito de gira as coisa, ele gira as coisa, tudo que ele gosta, tudo de roda ele gosta igual maquina, ventilador, o carrim ele faz é gira ele pra pode roda, ele balança as mãozinha, rodopia.(informação verbal).

Em relato emocionado, a mãe diz como foi a reação após a descoberta que seu filho é autista.

Assim a gente chora, né? Não tem outro jeito, aí que ele fica lá cá minha mãe, sabe? Aí ele vem pra cá mais é fim de semana, só que ele fica mais com minha mãe. Aí, assim, minha mãe destampou a chorar, eu também. Mas a gente consegue, eu sei que ele é. Aí que a gente consegue, só que a escola que é mais custosa de tá entendendo. Nois té que compreende ele bastante.(informação verbal).

Em estudos já realizados, mostra-se a importância de o autista ter acompanhamento especializado juntamente com seus familiares, pois em muitos casos, há uma total dedicação ao autista, esquecendo-se do restante da família e até mesmo da vida em sociedade.

Neste caso, em especial, houve uma grande luta relacionada a este acompanhamento. Há cerca de 2 (dois) anos e meio aproximadamente, foi que Diel começou a receber atendimento e no fim do ano de 2016 a mãe necessitou de ajuda judicial, pois o atendimento realizado através da prefeitura local havia sido interrompido, sendo assim, é visível a dificuldade existente nessa questão, principalmente em regiões menores, onde em grandes casos, esse atendimento é inexistente por completo. Mariana (2017):

Ele tá agora na psicóloga, na fono. A psicopedagoga começou e ele vai no neuropsicopediatra. No começo eles chamava nois pra podê conversá, psicóloga, mas agora não ês viu que não tem problema, né? Aí eles não chama não. (informação verbal).

Neste caso específico, a mãe por não estar morando com seu filho, diz não ter havido nenhuma mudança na rotina familiar, nada extremo “Não, não teve não, porque minha mãe não trabalhava, né? Aí ela ficou com ele. Até que pra nois foi bem tranquilo, nois tudo compreende ele bastante, bem tranquilo com nois” (informação verbal).

Como já foi abordado, Diel foi inserido no âmbito escolar, após os 6 (seis) anos. Ele passou por várias escolas, primeiramente na cidade de Cristianópolis – Go, em seguida na cidade de Santa Cruz de Goiás – Go e finalmente na Escola Municipal Geraldo Rezende Mendonça “Ladico” em Santo Antônio da Esperança onde ele frequenta atualmente.

A escola atende crianças da pré-escola ao 5º ano, possui espaço externo amplo e agradável, porém as salas de aula são um tanto quanto pequenas, mas bem arejadas. O pouco contato, tido com a diretora e professoras, deixou visível que há uma dedicação para com o aluno observado, porém o atendimento especializado deixa a desejar.

A mãe relata como seu filho é na escola:

Assim a gente não tá lá com ele, né? Mas eu imagino assim, ele é assim, se ocê aperta, ele não reage, mas se ocê não aperta, ele aí, ele reage. Aí, eu imagino que hoje, eu imagino que ele tá bem, né? Porque ele tá ino, ele não pede pra falta, porque teve uma época que ele pediu pra falta, inventava até que tava passando mal, cê precisava de vê, porque eles tava apertando ele, aí num queria i, ia pra lá dava crise, tinha que tá correndo buscano. (informação verbal)

A escola é um espaço para todos, porém para uma criança autista, esse espaço pode realmente fazer a diferença em sua evolução cognitiva, social e até mesmo afetiva. De acordo com Belizário Filho e Lowenthal (2013):

A escola pode ser de fato um lugar de competência social para qualquer criança, mas pode ser especialmente importante para as crianças com TEA. É nesse espaço que elas podem aprender com outras crianças, exercitar a sociabilidade por mais comprometida que seja e, finalmente, exerce um direito indisponível, o da educação. (apud PINHEIRO, 2014, p. 33).

Há uma primeira necessidade, que é a de compreensão dos papéis, da família, escola, comunidade, para que assim haja um trabalho realmente voltado ao

melhor desenvolvimento dessa criança. É necessário diálogo entre todos os envolvidos, fazendo com que todos falem a mesma língua.

Foram entrevistadas as atuais professoras do aluno autista observado, regente Margarida³ graduada em geografia, pedagogia, pós graduada em psicopedagogia clínica, institucional e inclusão social pela Universidade Federal de Catalão - GO e a apoio Jasmim² que tem formação pelo Magistério, durante esse momento, foram feitos questionamentos, partindo desde o momento em que ele chegou na escola, até como ele está nos dias atuais.

Em entrevista as professoras regente Margarida e apoio Jasmim do 5º ano, série que Diel estuda, deram alguns relatos sobre primeiramente como esse aluno chegou na escola. Margarida (2017):

[...] sim o Diel evoluiu muito. Quando eu peguei ele, eu já trabalhava com outra criança deficiente, que também tem problemas, né? Só que essa criança no ano que eu estava, no ano passado ela conseguiu aprender a ler e isso foi uma grande né, quando eu cheguei e peguei o aluno eu nunca tinha trabalhado com autista antes né? Muitas coisas, o aluno ainda não sabia e a gente foi ensinando, que nem regras de convivência, que nem a questão de ele não respeita as regras tipo soltar pum dentro de sala, [...] que nem essa questão de soltar pum o aluno solta pum dentro de sala perto de todo mundo, sabe? Assim grita “eu fiz isso”, aí acho que de tanto a gente conversa com ele, eu, a professora de apoio, ele hoje sai da sala de aula, ele fala assim “vô sai”, então nós já sabe porque, porque nós já ensinamos, ele sai da uma voltinha, vai lá no pátio onde ele faz e depois ele volta. Cê entendeu? Ele vai pra detrás da escola, onde não tem ninguém, isso aí ele já aprendeu, né? Outra coisa, ele num podia lanchá, comê é, por exemplo, farinha. Porque pra comê, ele assim vai enfiando a comida na boca, uma colher, duas, três, aquilo tá caindo, cê entendeu? Ele não comia nem farinha, aí a gente ensinou pra ele. O Diel é guaribado, põem só um pouquinho na colher, ele põe só um pouquinho na colher, aí ele come, ele já aprendeu, ele já lancha o feijão tropero, por exemplo, com a farinha. O arroz, a gente já deixa ele comer mais despreocupado, cê entendeu? Porque ele já sabe que tem que por pouquinho na boca, né? Quando a gente pegou ele, não sabia esse tipo de coisa. Nas regras de convivência, ele tem autonomia, assim demora, mas se você for batendo naquela tecla, é demorado, mas ele consegue compreender e consegue te obedecer, tipo assim, é respeitar a regra não é nem obedecer a gente, né? Ele consegue respeitar a regra. (informação verbal)

De acordo com Margarida o trabalho realizado com o aluno é cheio de dificuldades e barreiras. Diel está se desenvolvendo e há um empenho de todos para que ele só cresça, porém algumas áreas ainda não foram atingidas como ela esperava e isso traz uma certa frustração.

³ Serão usados pseudônimos para preservar a identidade dos entrevistados.

Interage muito bem com os alunos. Assim, quando eu peguei o Diel, eu lembro muito bem, na aula de história, o conteúdo dele é totalmente diferenciado dos outros alunos, o que dá pra englobar junto, eu coloco. Eu adapto as provas pra ele, igual o Português que o aluno ainda não sabe, não domina a leitura, é uma modificação em grande porte que eu tenho que fazer pra ele, sabe? Do conteúdo, é totalmente outra coisa. E na aula de história, eu sentei e embora a gente tenha estudado muito, eu ainda não tinha convivência, né? Nunca tinha convivido, eu sentei com ele e fui explicar, era história, então eu resolvi contar uma história pra ele, tipo que eu tava contando pra vê, né? De quando os portugueses chegava aqui, eu já comecei “era uma vez...” e assim, só que ele não consegue ficar parado, aquilo pra mim foi assim, eu não sabia que era daquela forma, eu achei que ele ia me escutar, que ele ia prestar atenção, me fazer algumas perguntas até sem sentido, mas ele não consegue, né? Para prestar atenção, não consegue,[...] e ele não conseguia parar, prestar atenção e aquilo me deixou um pouco até assustada e eu pensei “gente, como que eu vou ensinar esse menino?”. [...] agora ele já consegue assim, ouvi a história e mostra que ele entendeu alguma coisa, e assimila. Antes não, cê perguntava um trem e ele vem com outra pergunta totalmente diferente, cê entendeu? Agora tô sentindo isso nele, parece que já tá conseguindo assimilar, ele não responde totalmente com sentido, mas é alguma coisa relacionada àquilo e às vezes, ele surpreende a gente e vê mais além cê entendeu? A cabecinha dele vai pro outro lado e vê mais além, coisa que passou despercebida pra gente. (informação verbal)

Ao tratar do assunto inclusão, muitos estudos apontam a gigantesca necessidade de realmente ela existir, esse processo é o auxílio que a criança autista necessita mais ser inserida no meio escolar e social, conseguindo assim, interagir de alguma forma, como afirma Pinheiro (2014) “Algumas crianças conseguem se adaptar e interagir com outras pessoas, sendo a inclusão uma ponte neste processo de desenvolvimento.” (p.38)

E ainda ao abordar questões, como as particularidades do autista, suas deficiências de fala, contato visual e etc, nos salienta Belizário Filho e Lowenthal (2013) “Conclui-se também que características autistas, como comunicação, comportamentos estereotipados e falta de socialização não atrapalhavam na construção das relações sociais.” (apud PINHEIRO, 2014, p.38)

A professora regente (2017), em seu relato sobre como foi o processo de inclusão do aluno autista, mostra que há falhas, porém há vontade de fazer com que ele se sinta sempre querido por todas as colegas.

Olha, o negócio é o seguinte, Diel já chegou e muito querido pelas colega, abraça as colega todo dia, uma coisa que eu acho surpreendente, porque o autista não é chegado muito em contato físico. Diel me abraça toda hora, ele abraça as colegas dele todos os dias, né? E senta junto, lancha junto. Ele faz a tarefinha dele lá com a professora de apoio, mas quando eu tô dando uma aula diferenciada ele participa. Eu faço questão de levá ele, cê entende? E mesmo quando eu tô explicando tarefa pras colegas, essas coisas, eu tô sempre falando “né, Diel” sempre pondo ele dentro da conversa, tentando despertá ele, pra vê se ele fala alguma coisa, é totalmente, é bem aceito, aqui. A gente tem esse probleminha que não deixa de não tê, antes de entra de férias, ele tava muito barulhento, eu nem comentei com a mãe porque eu sei que isso é problema do autismo, né? Da coisa dele, mas ele tava fazendo barulho o tempo todo, tava escutando na escola inteira, sabe? E às vezes assim, as colega: “tia, tia” mas eu falo; gente! A professora sai um pouquinho e eu converso com as meninas, mas sempre bem aceito. Às vezes elas reclamam do barulho, mas nunca magoa ele, nunca fala nada pra machuca ele. O lanche, às vezes eles trazem lanche de casa, elas dão pra ele e ele da lanche pra elas também, ele não é ridículo, é um amor. (Informação verbal)

Mesmo percebendo que há uma lacuna grande a ser preenchida ainda, há também um grande esforço para que esse aluno se sinta acolhido, se sinta parte daquele meio.

A escola, mesmo não sendo especializada, tem por obrigação transmitir educação pra todos os alunos que dela fazem parte. Assim, deve haver dedicação por inteiro dos profissionais que ali estão para com todos os alunos presentes. Carvalho (2003):

Na verdade, o especial da educação especial está muito menos nas características dos alunos e muito mais na diversidade das ofertas educativas que as escolas devem dispor para todos, por direito de cidadania. Especiais devem ser considerados todos os alunos, reconhecidos em suas individualidades, o que significa que todo o professor, como profissional da aprendizagem que é, deve ser especialista no aluno. (apud PINHEIRO, 2014, p.39)

Mesmo que não haja um preparo maior da unidade escolar para a realização do trabalho com o aluno autista, existe a necessidade de que o professor responsável por ele, busque formas de guiar da melhor forma o seu aprendizado, utilizando mesmo que recursos ditos simples e até inadequados, mas usando da adaptação para atender as necessidades do aluno.

Para se criar novas possibilidades com o aluno autista, basta força de vontade daquele que ali está para trabalhar com ele. Leon e Fonseca explicam bem essa importante tarefa do educador.

Dessa forma, quando o educador organiza todos os sistemas de sua metodologia: adapta o ambiente, prepara o material, ajusta o material às tarefas, seleciona objetos apropriados e funcionais. Assim, crianças com TEA podem aprender de forma eficaz, pois a tendência desses indivíduos é de se inclinarem para o aprendizado mais mecânico, focado no detalhe, circunscritos a situações “x”. Em virtude disso é que as atividades são propostas de uma forma que já esteja inserida em um contexto com significado para ajudar a assimilação da criança naquela tarefa específica que esta sendo trabalhada. (apud PINHEIRO, 2014, p.43)

O trabalho com o aluno autista observado não é exatamente como deveria ser, mas como já foi dito antes, há um grande empenho das duas professoras para que ele aprenda regras de convivência, conteúdos formais e se socialize com as colegas. Margarida relatou que não trabalha com um método próprio para ele, mas que faz adaptações para que ele aprenda.

Olha, é a professora de apoio que aplica, que aliás é alfabetizadora e é uma boa alfabetizadora, né? Porque ele ainda tá nessa fase de alfabetiza. Eu procuro, é, usa é coisas pedagógicas, material pedagógico, que nem material dourado que tem quadrinhos, eu uso até os lápis de cor dele na Matemática, quando se trata de numerais pra fase contagem, né? A gente tem cartaz com os números, porque ele tem muita dificuldade na Matemática, muita mesmo. Quando eu peguei o Diel, ele não sabia nem de um a dez no começo do ano hoje ele já sabe, vai mais além. Aí sempre o cartaz, o contato visual pra ele ver, ele tem que tá sempre vendo. O Português que eu trabalho com ele alfabetiza é tudo com figurinhas com desenhos, sabe? E até na Matemática, História, Ciências é tudo com poema, com musiquinha, as vezes, é um poema pra ele retirar um número dali de dentro, cê entendeu? Musiquinha pra ele completar com nome de colega, e de certa forma a gente já tá ensinando “nome de gente letra maiúscula” aí o nome da sua colega, nome de pessoa é com letra maiúscula. É assim, eu procuro usá muita coisa que tem que tê contato visual, né? Uma coisa que ele vê ou então concreto que ele pegue, né? Parte do corpo humano, até eu tô lá com um boneco com os órgãos por dentro, aquilo ali pra ensiná alguma coisa pra ele sobre coração, levo põe lá e ele tira aquilo tudo depois ele põe aquilo tudo e aí a gente aproveita a hora que ele tá tirando “Ah! esse aí é o pulmão, sabe o que o pulmão faz? Ah! o pulmão é isso e isso” a gente vai explicando pra ele[...] sabe, eu procuro trabalhar no concreto com ele. No visual, no concreto, porque senão, não vai. (Informação verbal)

O processo é demorado e em alguns casos o avanço é quase nulo, porém a paciência e calma do educador são armas fundamentais para lidar com o aluno autista e conseguir que ele obtenha sucesso em seu processo de aprendizagem.

Durante a entrevista, as professoras concordaram que as dificuldades de trabalho com o aluno são gerais, Jasmim (2017) “Nossa, assim, as dificuldade é quase geral, né? Essas dificuldade assim, com ele” (informação verbal).

Porém a professora Margarida detalhou melhor a sua maior dificuldade para com esse aluno:

Olha, o que eu queria e assim como professora eu não deixo de sair um pouquinho frustrada esse final de ano, eu queria que o Diel tivesse dominado a leitura. Isso me incomoda demais e assim, eu às vezes até tiro a professora de apoio de perto dele e sento, e assim eu tenho 3 (três) pós em inclusão, três pós de educação em inclusão, então assim, eu penso “talvez eu posso ajuda-lo mais, né?” e às vezes, eu vou e eu sento e eu tento, eu uso as táticas que eu aprendi, sabe? As coisas, mas ele não consegue dominá a leitura. Ainda ontem, eu falei com a mãe dele sobre isso, e falei “Mãe eu não sei o grau do autismo do seu filho, mas eu imagino que ele não é leve porque senão ele já tinha aprendido alguma coisa, ele não aprende a lê, o Diel”. [...] eu queria que ele tivesse dominado o processo da leitura e da escrita. (informação verbal)

Apesar de esse aluno ter passado por um período de rejeição à escola, hoje ele mostra avanços e vontade de fazer parte desse meio.

Muito presente na fala de todos os entrevistados é a participação da família. Como salienta Pinheiro (2014) “ É importante que todos da escola estejam envolvidos, neste procedimento, a família é peça fundamental, conforme as atitudes e cobranças da família a este aprendizado, pode contribuir ou atrapalhar muito”. (p. 45)

Com pesar, as duas professoras fizeram seus relatos sobre a participação da família do aluno em sua vida escolar, mostrando o quão necessária é a existência de diálogo entre essas duas instituições.

Margarida (2017):

[...]minha maior preocupação não foi o aluno, é a família. A família infelizmente sempre na justiça. Esse ano eu já fui na promotora, falá com ela, a família sempre na justiça e sempre brigano com a escola, e as vezes, assim, eu não sô contra a mãe, tem é que corrê atrás dos direito do filho dela, porque se ela num corre, ninguém mais vai corrê, mas é uma família, assim, que fala as coisas na rua, fala mal da escola. Eu já cheguei no supermercado, já peguei o pai xingando a escola e professores, cê entendeu? Então assim, todo mundo corre, não por ele ser autista, mais assim, pela família, ninguém que pega, pela família[...]. (informação verbal)

Jasmim (2017): “É difícil esse diálogo, eles quase não vêm. Foi ontem, assim que a mãe dele veio, a Margarida converso com ela, mas pelo menos na sala, assim com a gente num tem esse diálogo, assim não, foi só mesmo ontem que teve”. (informação verbal)

Durante a realização deste trabalho, foi de grande valia o contato tido com o aluno autista, podendo haver uma maior proximidade do objeto de estudo, fazendo com que cada teoria lida e estudada, se clareasse diante dos olhos da observação prática.

O contato, para observar como ele se comportava com o outro, em sala de aula, fez com que muitos tabus fossem se quebrando. Observar que ele vive como todos nós, que ele tem seus momentos de interação, de aprendizado e até mesmo de carinho com o seu próximo, demonstrando, em muitos momentos, afeto por seus familiares, amigos e professoras.

Apesar de não poder fazer observações no âmbito familiar, os relatos emocionados da mãe do aluno autista não deixam de comover a todos e deixam transparecer o amor e o carinho que ela e todos tem por ele, a força de vontade de todos, visando o seu bem.

Observando a Escola, fica nítido que por mais que haja falhas e lacunas a serem preenchidas, há uma dedicação imensa no atendimento de todos os alunos que ali estão.

Durante a entrevista, cada uma das professoras repetia sempre o quanto estavam satisfeitas por terem o aluno autista com elas. Cada uma se esforçava para conseguir expressar tamanha satisfação e empenho para com ele. Um fato que contribui é o contato delas fora da escola com o aluno, que faz com que o carinho só aumente juntamente com a vontade de fazer mais por ele. Porém, fica claro que o trabalho realizado com Diel não é inclusivo, não é desenvolvido com ele atividades com recursos adequados e didática apropriada para atender todas as suas necessidades. Contudo, observa-se que Diel é uma criança socializada.

Pinheiro (2014):

Apesar das dificuldades, do dia a dia e das situações problemáticas, e as exigências impostas a estes profissionais da educação, a inclusão é uma via de mão dupla, trazendo contribuições para alunos e professores, fazendo assim, com que estes alunos sejam inseridos de fato em uma educação para todos, suprimindo, necessidades cognitivas, físicas e emocionais, transformando o ensino em uma educação transformadora, capaz de contribuir para uma vida com maior qualidade. (2014, p.46)

Existem prioridades, e uma delas é enfrentar os desafios, as dificuldades e dar o melhor atendimento possível para cada uma dessas crianças. Este trabalho

relata em cada um de seus capítulos, de forma não muito abrangente, como é um autista, seu diagnóstico, características e sua existência, como indivíduo cultural com direitos e deveres perante a sociedade, que devem ser vistos e incluídos na mesma. É possível perceber também, que a educação é uma via de mão dupla, seja ela para crianças deficientes ou não, trazendo contribuições para o público e escolar e para a família. Havendo verdadeiramente a unificação destas duas instituições uma vida de qualidade será construída para todos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através desse estudo realizado, foi possível compreender um pouco de onde e como surgiram os primeiros estudos sobre o espectro do autismo e seus aspectos mais marcantes.

Ficou visível a necessidade de obter um diagnóstico na idade certa, antes dos 2 (dois) anos, pois há uma enorme complexidade na obtenção do mesmo e o quanto antes melhor para que a família busque o atendimento correto para a criança e também para os próprios famílias entendendo a importância da sua participação na vida do autista diagnosticado.

Pessoas com esse espectro necessitam da família porque além de ser da natureza humana ter ela como base, também ocorre que o autista é um ser da sociedade com seus defeitos e limitações e sua cultura juntamente com meio em que vive interferem em seu desenvolvimento.

Ficou claro neste estudo a forma como é vista a inclusão do autista no âmbito escolar. Ficou claro também o quanto é necessária a busca de auxílio de outros profissionais para dar apoio há escola. Existe a necessidade de convívio, contato com o outro porém isso deve ocorrer da forma correta lembrando que trata-se de alguém com limitações, com instabilidade emocional, onde uma pequena atitude incorreta pode causar danos emocionais, traumas, exclusão. É necessário, para que o foco de auxiliar o autista seja mantido, a parceria entre escola e família ambas apoiando-se.

O estudo de caso permitiu o confronto com a realidade trazendo um crescimento significativo que colabora com a formação profissional. Observando de perto como são os passos do aluno autista e como a escola e sua família reagem a eles grandes contribuições foram absorvidas. Um aluno com uma cultura forte, professores que apesar das dificuldades tentam exercer o seu papel e a família que esta ali cuidando com amor e carinho de seu tutelado. O autista vive, o autista tem voz, o autista é um ser humano.

Perante o exposto no decorrer desses três capítulos foi possível compreender a necessidade da busca pelo diagnóstico, o apoio familiar e a junção família/escola. No mais, foi obtido um resultado satisfatório e uma grande obtenção de conhecimento.

REFERÊNCIAS

BRANDE e ZANFELICE, Carla Andréa, Camila Cilene. **A inclusão escolar de um aluno com autismo: diferentes tempos de estuda, intervenção e aprendizagens.** Ver. Educ. Espec., Santa Maria, jan./abr. 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/3350>>

FRAGAS, Isabela. **Autismo Ainda um Enigma.** Ciência Hoje, n. 45, p.20 – 25. Maio 2010.

KWEE, C.S. **Abordagem Transdisciplinar no Autismo: O Programa TEACCH.** Rio de Janeiro, RJ, 2006, Dissertação (Mestrado Profissionalizante em Fonoaudiologia – Universidade Veiga de Almeida). Disponível em: <http://www.uva.br/mestrado/dissertacoes_fonoaudiologia/CAROLINE-SIANLIAN-KUEE.pdf> Acesso em: 24 de março de 2017.

ORRÚ, Sílvia Ester. **Autismo, linguagem e educação: interação social no cotidiano escolar.** 2.ed. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2009.

PINHEIRO, Michele Bárbara Siqueira. **UM MUNDO A PARTE: O Autismo Dentro do Contexto Escolar.** Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Estadual de Goiás Campus Pires do Rio, Pires do Rio, 2014

PLETSCH e LIMA, Márcia Denise, Marcela Francis Costa. **I Seminário Internacional de Inclusão Escolar: práticas em diálogo.** Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Cap-UERJ – 21 a 23 de outubro de 2014. Disponível em: <http://www.cap.uerj.br/site/images/stories/noticias/4-Pletsch_e_Lima.pdf>

SZABO, Cleusa Barbosa. **Autismo em questão.** São Paulo: MAGEART, 1995.

VARELLA, Dráuzio. **Autismo (Primeira Parte).** dez. 2011. Disponível em: <<http://drauziovarella.com.br/crianca-2/autismo-primeira-parte/>> Acesso em: 31 de março de 2017.